



FIGUEIRA, LUÍS FERNANDO BULHÕES: *O althusserianismo em Linguística: a teoria do discurso de Michel Pêcheux*. Jundiaí: Paco Editoria, 2015. 260 PP. ISBN: 978-85-8148-781-6.

Resenhar um livro como o *O althusserianismo em Linguística: a teoria do discurso de Michel Pêcheux*, de Luís Fernando Bulhões Figueira, não é algo evidente para uma edição de uma revista que tematiza o discurso pedagógico. Porém, para além desse efeito primeiro, o livro pode revelar uma produtiva fonte para a compreensão dos meandros da discursividade escolar e universitária com suas formas equívocas de produção, circulação e transmissão do conhecimento.

O discurso pedagógico nos desafia continuamente a mostrar as relações de reprodução e transformação com os discursos anteriores, seus avanços e retrocessos, seu entrelaçamento com outras práticas sociais, sobretudo as midiáticas, que afetam a sua política simbólica de constituir espaços e sujeitos históricos em uma conjuntura cada vez mais complexa. Nos dias atuais, ler sobre os efeitos da obra do filósofo Louis Althusser na Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux é um modo de construir pontes que nos ajudam a entender algumas das complexidades conjunturais.

É importante ressaltar, ainda, que a obra de Althusser influenciou inúmeros trabalhos que tiveram como objeto o discurso pedagógico e as práticas históricas envolvidas. Posso citar, por exemplo, um livro lançado em 1970 e com ampla circulação nos países ocidentais e, particularmente, na América Latina: *A reprodução* dos franceses Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. Um título controverso que foi lido pelo menos de duas maneiras: uma leitura mais funcionalista, que foca no aspecto imobilizador da reprodução, e uma leitura que aponta para uma crítica subversiva, buscando outros olhares para a escola e possíveis transformações. O livro de Bourdieu e Passeron (1970) é lançado no mesmo ano da publicação de um dos artigos mais famosos de Althusser: o *Idéologie et appareils idéologiques d'Etat*.

Foi com o estudo sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) que o nome de Louis Althusser se tornou referência para as pesquisas sobre a Educação no Brasil e em outros países latinos, mesmo sendo o signo de grandes polêmicas. Considerado por alguns como o maior pensador do século XX e renegados por outros como o «louco da estrutura», Althusser fez escola na França. Nomes como Étienne Balibar, Jacques

Rancière, Roger Establet e Pierre Macherey, conhecidos alunos de Althusser, são expoentes de estudos sobre a política, a filosofia, a estética, a cultura, os movimentos urbanos e os processos identitários, enfim, um campo vasto marcado por uma filiação contraditória, ora por aproximações, ora por desvios ou recusas.

Michel Pêcheux foi um desses alunos de Louis Althusser que desbravou novos campos e fundou a vertente materialista da Análise de Discurso, com grande difusão em diferentes países da América Latina, como Argentina e México, mas com singular presença no Brasil através dos trabalhos de Eni Orlandi e o grupo de pesquisadores formado por ela. Em plena ditadura militar, durante a década de 1970, a linguista brasileira encontrou formas de resistência pela teoria e falou sobre o campo político na linguagem analisando o discurso pedagógico. O desenvolvimento da Análise de Discurso no Brasil é marcado por este gesto teórico-político desencadeado pelo estudo dos discursos na e da Educação (Orlandi 1983, 2012 y 2014).

A partir desta breve contextualização sobre os efeitos da obra de Louis Althusser nos estudos discursivos latinos, é possível entender a importância do livro de Luís Fernando Bulhões Figueira para esta edição da *Revista Latinoamericana de Estudos do Discurso*. O livro é resultado da tese de doutorado do autor, defendida em 2013, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em Minas Gerais. Atualmente professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ele publicou a tese pela editora Paco Editorial, em 2015.

De modo ousado, Figueira analisa textos de importantes nomes, franceses e brasileiros, da história da Análise de Discurso, como Denise Maldidier, Jean-Jacques Courtine, Michel Plon, Maria do Rosário Gregolin e Marlene Teixeira. O pesquisador escolhe textos que são constantemente retomados, ainda na produção contemporânea da AD, e rastreados por seus aspectos polêmicos para sustentar filiações teórico-analíticas e, como ressalta o autor do começo ao fim do livro, posições políticas.

Para realizar este empreendimento, Figueira se vale do procedimento por ele denominado como um «método arqueológico-genealógico (nietzscheano-foucaultiano)», uma posição perspectivista de análise em que pesquisador e objeto estão imbricados, junto ao arcabouço da Análise do Discurso Pecheutiana (ADP), designação utilizada pelo autor. O livro está dividido em cinco capítulos, além da introdução e do prefácio assinado por João Bôsco Cabral dos Santos e Maria de Fátima Fonseca Guilherme.

O primeiro capítulo, «Por uma análise polêmica dos discursos», é dedicado a uma explanação do seu método de análise, mostrando como os trabalhos de Michel Foucault, entre outros autores, compõem os procedimentos analíticos no recorte dos textos que pertencem ao corpus. Figueira traz suas considerações das especificidades do desenvolvimento de uma teoria ou disciplina, delineado por heterogeneidades de vozes, polêmicas, descontinuidades e retificações. No caso da ADP, existe uma problemática em torno da escuta da voz do discurso althusseriano entre os outros discursos.

No segundo capítulo, «Althusser e os desenvolvimentos atuais da análise de discurso: a(s) visão(ões) dos historiadores da ad», Figueira descreve os que, para ele, são os «elementos que constituem a episteme da adp», apresentando as relações epistemológicas

entre Michel Pêcheux e Louis Althusser. Segundo o pesquisador, um dos postulados ou premissas fundantes da ADP é a «instabilidade do sentido», com decorrências para outros aspectos da teoria: o equívoco constitutivo da língua, o não controle dos sentidos pelo sujeito (assujeitado) e a história marcada por descontinuidades e pela luta de classes. O autor retoma o esforço de Althusser em propor um «anti-humanismo teórico» na crítica ao sujeito tomado, sobretudo, nas ciências psicológicas. Figueira destrincha, também, os equívocos em torno de conceitos como os de Ideologia/ideologias, a relação entre ideologia e imaginário, a concepção de estrutura e o imbricamento não reflexivo entre a infraestrutura e a superestrutura, e a preocupação althusseriana, casual, mas insistente, sobre a semântica e a leitura. O autor configura, então, a obra de Althusser como «o ponto nodal das contradições» em torno dos embates entre as correntes da Análise de Discurso.

Já no terceiro capítulo, «Análise de discurso: um sistema de dispersões», Figueira analisa textos de três autoras recorrentes nas referências bibliográficas da AD no Brasil: Denise Maldidier, Maria do Rosário Gregolin e Marlene Teixeira. Figueira tem uma acertada formulação para explorar os equívocos na textualização da filiação althusseriana em Michel Pêcheux: «o que dizem de Althusser e o que diz Althusser», ou seja, uma não coincidência entre estas diferentes ordens de dizeres. Utilizando-se do contraste com as citações de Michel Pêcheux e Louis Althusser, Figueira apresenta os momentos em que os textos analisados, segundo ele, apagam ou forçam a relação da teoria com a política (e o político) pelo silenciamento de alguns elementos ou pela sobreposição de outros.

Jean-Jacques Courtine e Michel Plon são os autores dos textos mais citados no quarto capítulo, «Duas tendências atuais na análise do discurso: inscrições teóricas diferentes, posições epistemológicas semelhantes». Figueira refere-se à fala de uma incompreensão da teoria sobre os AIE por parte de Courtine, que ancora Foucault como uma saída para os supostos erros de Althusser. De outro modo, Michel Plon, Frederico Carvalho e Marlene Teixeira, como representativos nomes de um flerte da psicanálise com os movimentos pós-modernos, assemelham-se à posição epistemológica sustentada por Courtine, porque reduzem a noção de totalidade do materialismo-marxista-althusseriano e cedem ao fascínio das contingências e singularidades.

É no quinto capítulo, «Há uma via para a análise de discurso fora da gramatização e da desmarxização?», que Figueira apresenta suas conclusões tentando responder além da pergunta-título, o seguinte questionamento: «Por que a forclusão do marxismo althusseriano foi o caminho escolhido pelas correntes pós-modernistas da ad?». Sem adiantar as considerações finais, ressalto a importante compreensão do autor sobre como os textos do corpus analítico não negam a influência de Althusser na ADP, mas a reconhecem para propor uma superação e/ ou uma substituição (por Foucault, Lacan, por exemplo). E isso tem consequência na substituição das problemáticas marxistas (a ideologia, os movimentos de reprodução/transformação e a luta de classe) pelas problemáticas mais pós-modernas (direitos individuais e os movimentos identitários), ou seja, «condições favoráveis para a adesão ao regime liberal, e a conseqüente produção

de práticas teóricas que fomentam a ideia da impossibilidade de transformação radical da sociedade» (p. 234).

Os cinco capítulos demonstram uma consistência de problemática nem sempre encontrada. É admirável o conhecimento do autor sobre a obra de Louis Althusser. Há uma precisão cirúrgica na escolha das citações do filósofo materialista e, também, de outros pensadores que abrilhantam o texto de Figueira, como a forte epígrafe de Foucault que abre o primeiro capítulo do livro. Uma escrita e uma argumentação alinhadas às provocações sutis do autor. Certamente, trata-se de uma pesquisa produtiva para compreender os percalços teórico-políticos da AD.

Não posso deixar de indicar ao menos dois pontos de insatisfação. Primeiro, há pouca descrição do processo de institucionalização e disciplinarização da AD para situar melhor o leitor frente às escolhas analíticas de textos e autores. Outro ponto é referente às críticas realizadas a Denise Maldidier e Michel Plon. Ainda que sejam pertinentes, algumas vezes as análises resvalam em minúcias que são pouco significativas no conjunto da participação desses autores na história da AD: deslize decorrente do primeiro ponto. Uma leitura para ser apreciada e discutida.

Iniciei o texto falando da relevância do livro de Figueira para a compreensão do discurso pedagógico. Agora, finalizo esta resenha destacando uma última característica: compreender a filiação althusseriana da Análise de Discurso não é uma tentativa de resgatar um obra fundadora, separar as boas das más compreensões, nem dar continuidade a uma suposta homogeneidade da teoria, mas fazer avançar a partir das contradições. Um dos legados de Althusser para a Análise de Discurso é levar às consequências uma filiação materialista, isto é, as práticas materiais devem demandar o movimento da teoria e não o contrário. Compreender o discurso pedagógico, hoje, é também levar a sério a materialidade das práticas sociais e não teorias que confirmem um já sabido estabilizado.

RÉFÉRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. 1970. Idéologie et appareils idéologiques d'Etat. *La Pensée* 151: 3-38.
- BOURDIEU, P. y PASSERON, J. C. 1970. *La reproduction: éléments pour une théorie du système de l'enseignement*. Paris: Editions de Minuit.
- ORLANDI, E. 1983. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense.
- ORLANDI, E. 2012. *Análisis de Discurso: principios y procedimientos*. Santiago: LOM/ Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación.
- ORLANDI, E. 2014. *Ciência da Linguagem e Política: anotações ao pé das Letras*. Campinas: Pontes.

Guilherme Adorno
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
guiadorno1@gmail.com